



Eduardo Namburete, membro do Conselho de Administração da GL concedendo uma entrevista a um jornalista em Maputo, Moçambique.

Foto de Colleen Lowe Morna

• COBERTURA DA VIOLÊNCIA BASEADA NO GÊNERO

A prevalência da violência baseada no género (GBV) na África Austral é muito elevada. Países como a África do Sul tem entre os mais elevados níveis de violência sexual no mundo. A comunicação social tem um papel crucial a jogar na redução dos níveis de VBG através da cobertura de histórias que promovem a prevenção e assegurem que as pessoas que sofrem a violência recebam cuidados e apoio efectivo.

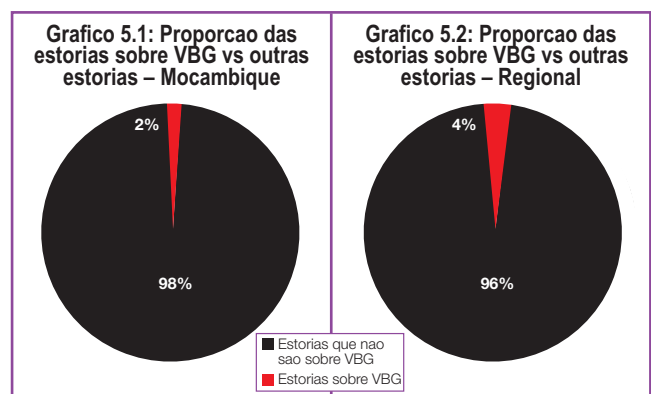


A comunicação social é muitas vezes não é parte do problema, mas sim da solução quando se trata da cobertura da violência do género: mesmo assim, a comunicação social tem um enorme papel a jogar na mudança de atitudes, percepções, e mentes fixas onde a violência do género está em questão. Ao longo da última década a GL realizou workshops de formação com órgãos de comunicação em 12 países da SADC e em todas as nove províncias da África do Sul. A GL e GEMSA tem formado activistas do género sobre comunicação estratégica fazendo uso da campanha dos Dezesesseis Dias de Activismo que se estende do Dia Internacional de não Violência Contra Mulheres em 25 de Novembro ao Dia dos Direitos Humanos em 10 de Dezembro. A cobertura da violência de género tem sido monitorada nos estudos regionais e globais. A GL tem também trabalhado com os capítulos da GEMSA na realização periódica da monitoria da campanha dos Dezesesseis Dias de Activismo. As principais constatações desses estudos são de que:

- Onde os assuntos de género são cobertos, a violência de género tende a receber mais cobertura. No GMBS os assuntos específicos sobre género constituíam 2% de toda a cobertura, com a VBG a constituir metade disto ou 1% do total.
- Porém, a violência do género é muitas vezes tratada como assunto pequeno comparado com os outros tipos de crimes.
- Certos tipos de violência do género recebem mais cobertura, ex: violência sexual.
- Existe pouca cobertura sobre onde as pessoas afectadas podem obter ajuda.
- Existe pouca cobertura daqueles que protestam contra a violência do género.
- Muitas das fontes de informação são dos tribunais. Isto tem uma forte tendência masculina.
- As vezes daqueles que são afectados não são ouvidas.
- As experiências das mulheres são muitas vezes banalizadas.
- A cobertura é muitas vezes insensível, por exemplo no uso de imagens, nomes, etc, que podem levar a uma segunda vitimização.
- As mulheres muitas vezes são caracterizadas como vítimas do que sobreviventes.
- As mulheres são muitas vezes caracterizadas como sendo elas que pediram para isso acontecer.
- Os homens são caracterizados como sendo incapazes de controlar os seus instintos sexuais.
- Existe uma tendência de exonerar os agressores.
- Existe uma tendência para sensacionalizar.
- A maioria das histórias de violência do género são escritas por homens/ relatórios de tribunais.

Este capítulo analisa a cobertura dos órgãos de comunicação da violência baseada no género (VBG) comparado com outros tópicos. Olha também para os sub-tópicos da VBG; quem fala sobre eles; as suas funções e quem reporta sobre esses tópicos.

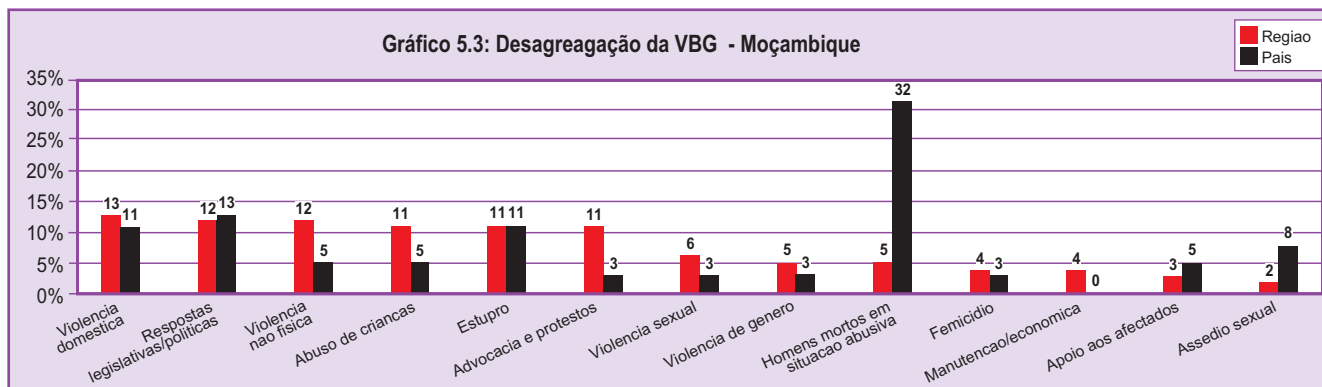
Tópico



O gráfico 5.1 revela que as histórias sobre violência baseada no género constituem apenas 2% de todas as histórias publicadas na comunicação social em Moçambique. Este cenário é quase idêntico ao

observado a nível regional onde, como ilustra o gráfico 5.2, a cobertura sobre violência baseada no género representa apenas 4% de todos os itens noticiosos monitorados.

Sub-tópicos

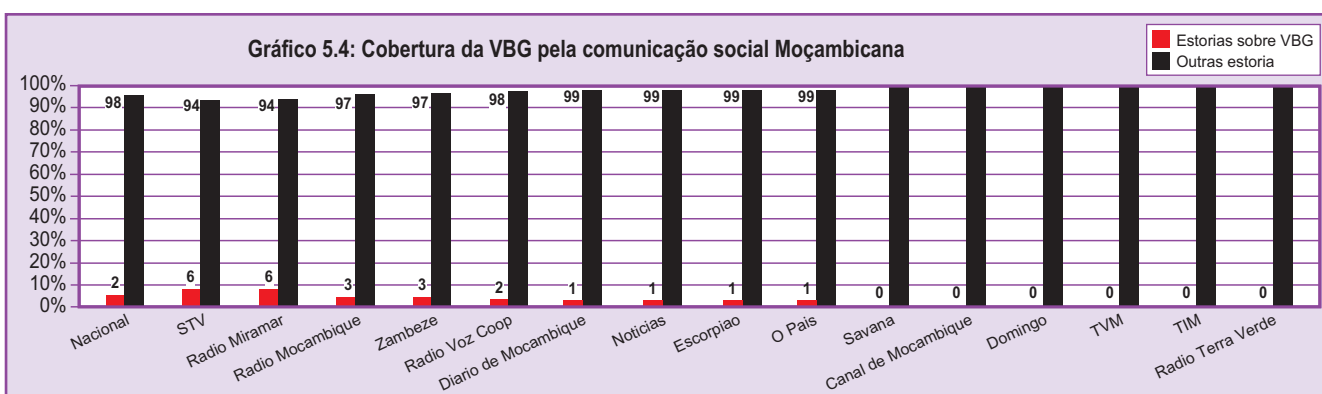


O gráfico 5.3 acima mostra que a grande maioria das histórias sobre violência baseada no género publicadas na comunicação social Moçambicana, trata de homens mortos em situações abusivas, com 32%, contra a média regional de 5% de histórias de VBG que tratam do mesmo assunto.

As questões de respostas políticas ou legislação sobre violência baseada no género (13%), estupro (11%) e violência doméstica (11%), são os assuntos de VBG que ganham destaque na comunicação social em Moçambique.

As actividades de advocacia e protestos, agressão sexual, género e HIV/SIDA e feticídio, todos com 3%, são os sub-tópicos de VBG que menos cobertura recebem na comunicação social Moçambicana.

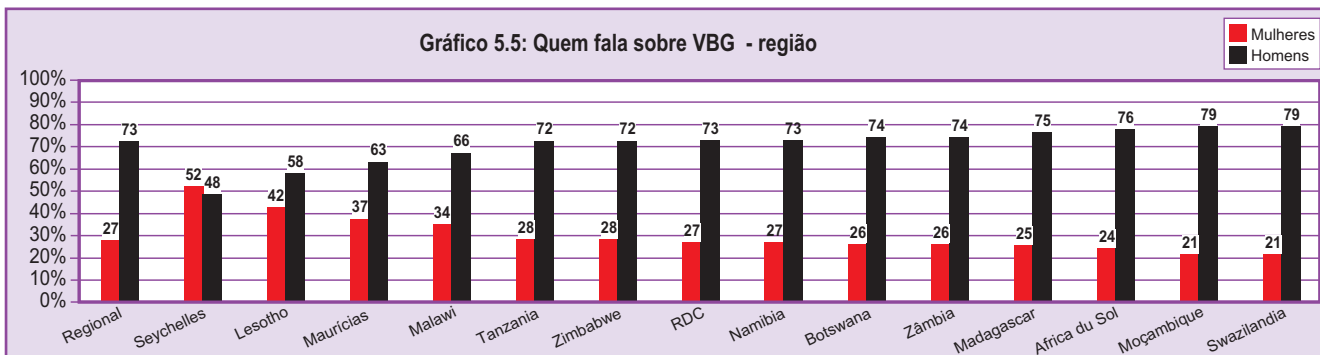
Comparando Moçambique com a região, verifica-se que os únicos sub-tópicos onde a comunicação social Moçambicana supera as médias regionais é nos assuntos sobre homens que são mortos em situações abusivas, legislação, apoio aos afectados e assédio sexual.



O gráfico 5.4 acima ilustra que a maioria das poucas histórias sobre VBG monitorados na comunicação social Moçambicana, foram publicadas pela STV e Rádio Miramar, ambos numa proporção de 6%, e na Rádio Moçambique e no semanário Zambeze, numa proporção de 3% em ambos.

Os semanários Savana, Canal de Moçambique, Domingo, as televisões TVM e TIM, e a Rádio Terra Verde, não publicaram nenhuma história sobre VBG durante o período da monitoria.

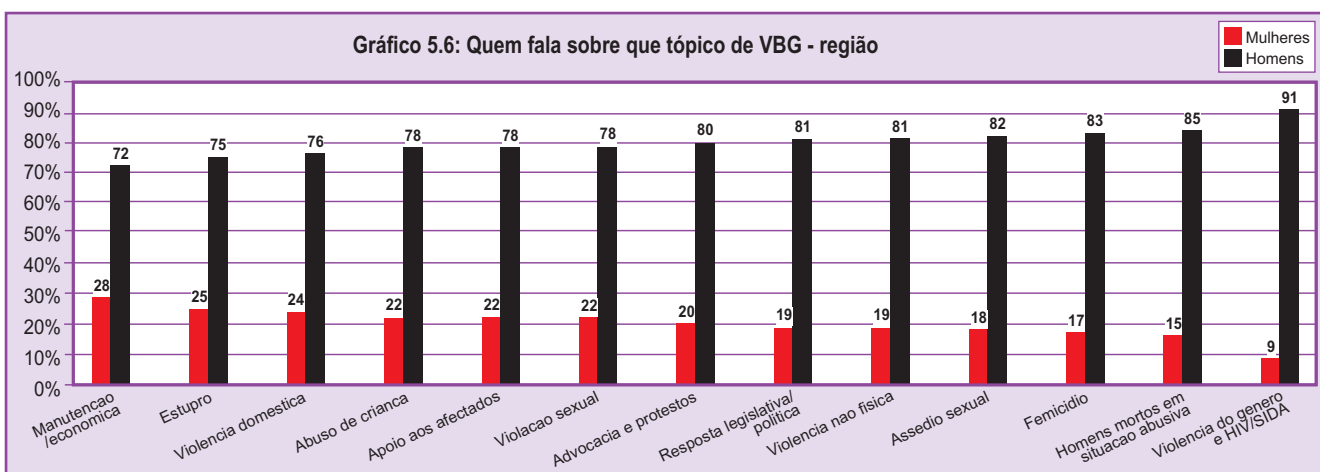
Quem fala sobre VBG?



O gráfico 5.5 ilustra que em todos os países da região, com a excepção das Seycheles, os homens é que mais falam sobre a VBG, numa proporção de 73%

contra 27 de mulheres que falam sobre VBG. Em Moçambique, a pesar de se reconhecer que a VBG afecta mais as mulheres que homens, 79% das pessoas que falam sobre VBG são homens e as mulheres constituem apenas 22%

Quem fala sobre o quê?



Analisando o gráfico 5.6 acima constata-se que a maioria das mulheres que falam sobre a VBG fala mais de manutenção económica ou pensão alimentícia, numa proporção de 28%, seguido de estupro em 25%, e violência doméstica numa proporção de 24%.

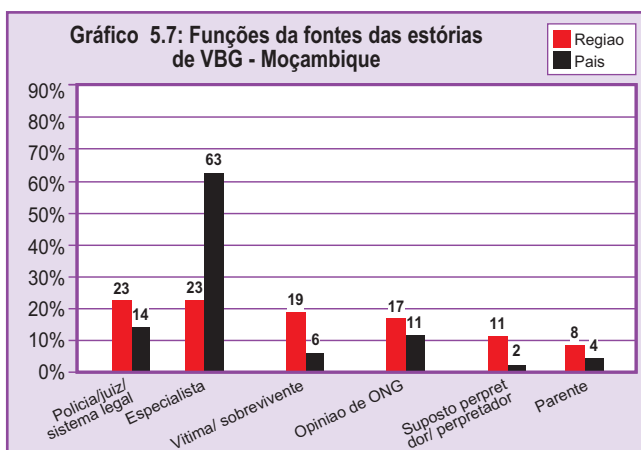
Muito surpreendente é o facto de que, embora reconhecido que a violência do género e o HIV e SIDA afectam mais as mulheres, este é o sub-tópico que é menos mencionado pelas mulheres, recebendo apenas 9% das atenções.



Este artigo, publicado no semanário Savana, edição de 6 de Novembro de 2009, dá o exemplo de uma reportagem usando uma linguagem sensível ao género; apresenta diferentes perspectivas e tem fontes equilibradas, de homens e mulheres. O artigo aborda a questão da infertilidade como uma das principais causas dos conflitos sociais, divórcios e violência doméstica contra as mulheres em Moçambique. Numa linguagem muito simples, o artigo traz a perspectiva legal e médica deste problema que afecta cerca de 20% da população mundial.

O artigo acessou pessoas que enfrentaram a discriminação por parte das suas próprias famílias por não terem filhos, e elas contam as suas estórias. O artigo traz também a opinião de especialistas que dão as explicações para o problema. Um ginecologista apresenta a perspectiva médica da infertilidade e dá conselhos às pessoas que enfrentam o problema de não poder ter filhos, enquanto que uma médica tradicional explica a infertilidade como um problema causado por maus espíritos e exigências dos antepassados.

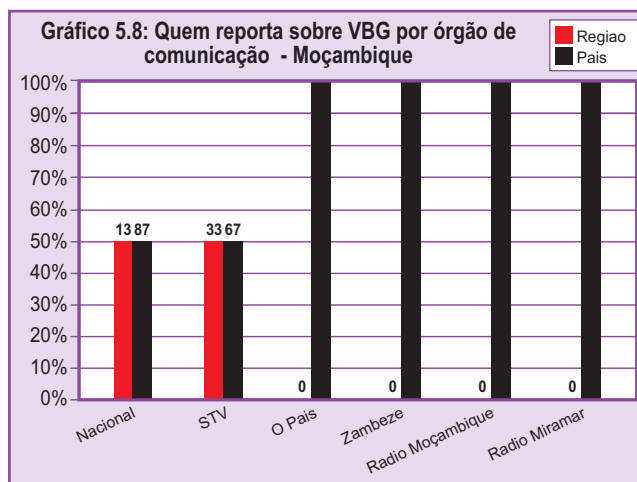
Funções da fontes das estórias de VBG



Olhando para o gráfico 5.7 acima constata-se que a maioria das fontes de estórias sobre VBG monitoradas na comunicação social em Moçambique são especialistas, numa proporção de 63%. Ao nível da região da SADC a polícia/juizes e sistema legal, constituem as principais fontes de

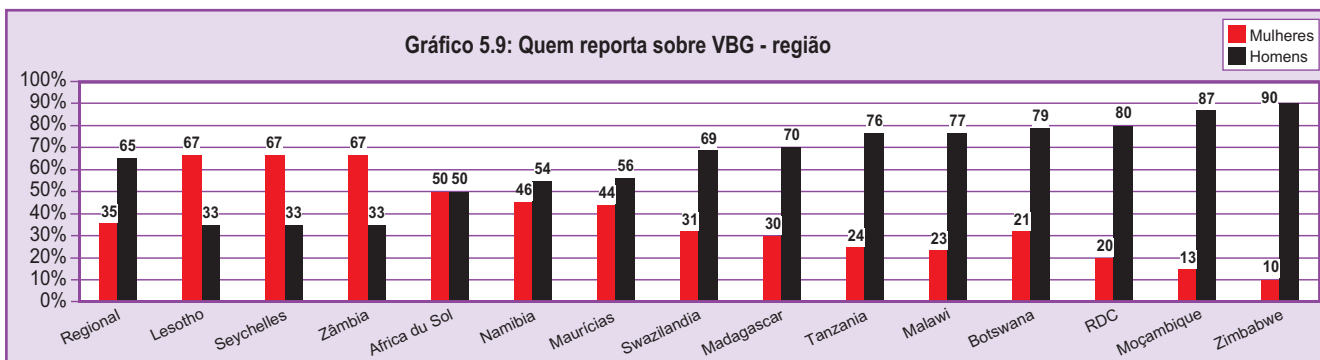
notícias nas estórias sobre VBG, com 23% cada. As vítimas ou sobreviventes da VBG constituem apenas 6% das fontes das estórias de VBG em Moçambique, contra 19% ao nível da região. Os alegados agressores são os que menos falam nas estórias sobre VBG em Moçambique, enquanto que ao nível da região eles constituem 11% das fontes de VBG.

Repórteres - tópico de VBG

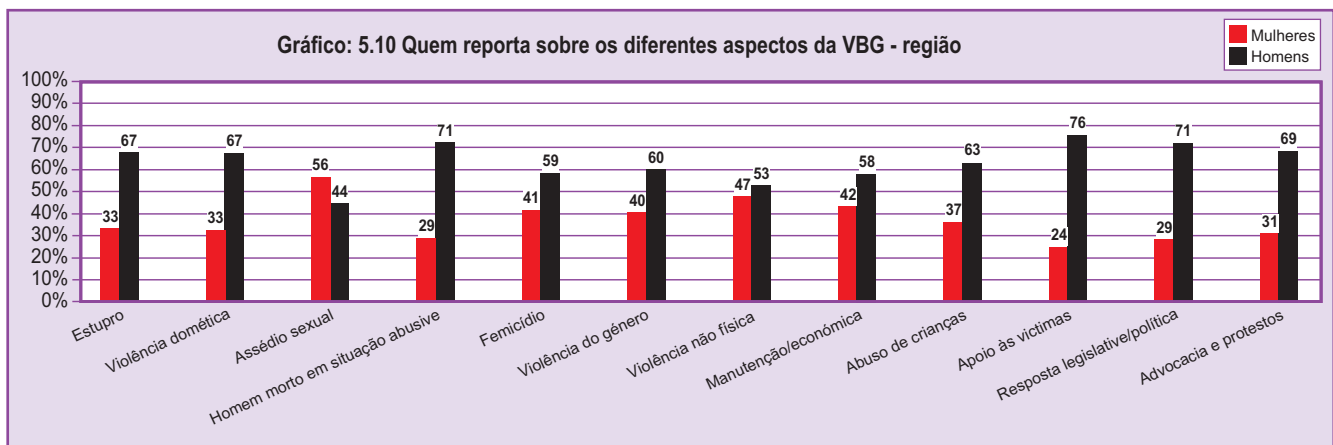


O gráfico 5.8 acima ilustra que apenas 13% das estórias sobre VBG monitoradas na comunicação social moçambicana, foram reportadas por mulheres.

A STV é o único órgão de comunicação social onde as mulheres reportaram sobre VBG, numa proporção de 33%.



Ao nível da região as mulheres participam em 35% na cobertura da VBG, e Moçambique, com 13% situa-se em segundo lugar a contar do último, (Zimbabwe) onde apenas 10% das estória de VBG são reportadas por mulheres.



O gráfico acima mostra que ao nível regional, os homens dominam a cobertura de todos os aspectos da VBG, excepto os assuntos sobre assédio sexual, onde as mulheres superam os homens numa proporção de 56% contra 44%. Os assuntos sobre violência não física é reportada por ambos homens e mulheres numa proporção aproximada de 53% para homens e 47% para mulheres.

A grande disparidade verifica-se na cobertura dos assuntos sobre apoio às vítimas ou sobreviventes da VBG que é feita maioritariamente por homens, numa proporção de 76%; e nos assuntos sobre homens mortos em situações abusivas.

Conclusão

Os participantes do workshop consultivo foram unânimes em afirmar que a cobertura da violência baseada no género na comunicação social Moçambicana não espelha aquilo que é a realidade. Uma das razões que foram avançadas para explicar este contraste é que por razões

culturais e estigmatização que estes assuntos carregam, muito poucos casos são reportados à polícia, o que dificulta a identificação das vítimas ou dos perpetradores da VBG. “Como jornalistas nós não podemos inventar uma violação de género” afirmou um participante para de seguida afirmar que “a cobertura que é feita sobre o assunto está na mesma proporção das ocorrências dos factos conhecidos”.

A mesma questão foi colocada em relação às pessoas vítimas ou sobreviventes de VBG que não aparecem nos conteúdos da comunicação social, afirmando-se que muitas vezes ele(a)s preferem não falar à comunicação social ou porque tem vergonha, ou porque tem medo de represálias, ou até porque não acreditam que seja algum crime, por exemplo o marido lhe bater (no caso da vítima ser uma mulher).

Sugere-se uma outra abordagem para permitir que as pessoas que sofre possam falar sobre o problema.